

OS MUARES E AS MINAS: RELAÇÕES ENTRE A DEMANDA MINEIRA E O MERCADO DE ANIMAIS DE CARGA NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Autores: Carlos Eduardo Suprinyak / CEDEPLAR
Cristiano Corte Restitutti / UNESP-Araraquara

O objetivo do trabalho é atualizar o debate em torno da inserção dos animais de carga – muares e cavalares – criados no extremo sul do Brasil dentro do mercado interno mineiro ao longo dos séculos XVIII e XIX. Inicialmente relacionada ao surto da mineração e ao comércio de importação e exportação a ele relacionada, a demanda da região de Minas Gerais por animais de carga sobreviveu ao declínio desta atividade e seguiu representando um importante nexo de mercado interno no Brasil durante os períodos colonial e imperial. Até a penetração da malha ferroviária na região centro-sul do Brasil, o transporte no lombo de bestas foi a principal forma de entrada e saída de gêneros em domínios mineiros. Estas bestas eram em grande parte criadas no extremo meridional do território brasileiro, de onde eram conduzidas por via terrestre até os centros consumidores localizados no centro dinâmico da economia pré-republicana.

A abordagem adotada para a discussão do tema encerra dois propósitos. Inicialmente, procuramos reunir e confrontar as contribuições mais recentes sobre o tema, para em seguida iluminá-las com alguns novos resultados oriundos de pesquisa documental inédita. As fontes primárias utilizadas em pesquisas sobre o comércio de animais soltos são predominantemente documentações de barreiras e registros incumbidos da fiscalização e tributação destes fluxos de animais. Este será o caso de grande parte dos trabalhos por nós inventariados, como também de nossas próprias contribuições ao tema.

Mesmo durante o período colonial, a demanda mineira por animais de carga parece estar relacionada fundamentalmente à importação e distribuição interna de gêneros. Por um lado, o total da produção aurífera durante a primeira metade do século poderia ser escoado utilizando poucas viagens de bestas. Por outro lado, a intensificação da entrada de animais de carga em Minas Gerais se dá próximo a meados do século, em descompasso com o ciclo da produção aurífera (que atinge seu ápice na década de 1840) e seguindo de perto o movimento da entrada de importações na capitania. Quando comparamos a entrada de animais de carga pelas fronteiras meridionais das capitanias de São Paulo em Minas Gerais, podemos obter uma estimativa aproximada da participação da demanda mineira sobre o total de animais de carga vindos do extremo sul da colônia. As evidências disponíveis indicam que, a meados do século, Minas Gerais respondia pela quase totalidade do mercado destes animais. Ademais, verificamos que até a década de 1770 o predomínio no mercado pertencia aos cavalares. Apenas a partir do último quartel do século XVIII as bestas muares passam a representar o rebanho mais importante neste fluxo comercial.

A utilização massiva de bestas muares no transporte de cargas em território mineiro induziu ao desenvolvimento da atividade criatória dentro da capitania. A julgar por relatos contemporâneos e também por celeumas jurídico-políticas relacionadas, estas tentativas foram muito bem sucedidas. Este sucesso dos criadores mineiros pode ajudar a entender a brusca queda registrada na entrada de muares na capitania durante o início do século XIX. Entretanto, este fluxo volta a se intensificar após a independência. A maior utilização de bestas muares está diretamente relacionada à intensificação da exportação de gêneros mineiros para o Rio de Janeiro, agora sede da corte imperial. Entre os produtos que compunham a pauta de exportações mineira, destacam-se o algodão, o toucinho, o fumo e os queijos.

A partir de 1830, a entrada de animais no sul na província de São Paulo passa a ser registrada de forma mais criteriosa, por meio da criação do registro de Rio Negro na fronteira

meridional da quinta comarca da província. Após a emancipação da província do Paraná, o registro da entrada dos animais passou a ser realizado na barreira de Itapetininga, onde permaneceu até o fim da década de 1860. A documentação elaborada nestas estações fiscais encontra-se preservada em sua quase totalidade no Arquivo do Estado de São Paulo, permitindo uma estimativa bastante confiável da oferta de animais de carga nos mercados paulistas durante o período imperial.

A entrada de animais de carga na província de Minas Gerais passa a ser registrada de forma mais acurada a partir de 1839, com a criação do imposto sobre bestas novas. Informações sobre a receita oriunda desta nova modalidade tributária encontram-se nos relatórios dos presidentes da província e também nas tabelas da Mesa de Rendas Provinciais e nos balanços e orçamentos apresentados à Assembléia Legislativa Provincial de Minas Gerais. Por meio desta documentação, armazenada no Arquivo Público Mineiro, pudemos estimar a entrada de animais de carga em Minas Gerais desde 1839 até 1869.

Ao longo destes três decênios, a demanda mineira sempre constituiu parcela relevante do total de animais de carga trazidos do sul. No início do período, a participação mineira no total do mercado atingiu patamares modestos – pouco mais de 10% do total de muares ingressos em São Paulo. Entretanto, esta proporção cresce ao longo do tempo, atingindo mais de 50% do total do mercado em alguns anos da década de 1850. O ápice da participação mineira no mercado de muares se dá ao fim da década de 1860, absorvendo mais de 60% do total de animais vindos do sul.

A utilização de muares em larga escala em território mineiro parece estar ligada diretamente ao desenvolvimento da cultura cafeeira em Minas Gerais. Diversas evidências presentes na documentação das unidades fiscais corroboram esta proposição. Primeiramente, a participação dos animais carregados com café sobre o total de animais carregados com gêneros de exportação cresce ao longo das décadas de 1850 e 1860, precisamente durante o período em que a participação da demanda mineira no mercado de muares atinge patamares mais elevados. Além disto, dentre as bestas novas afiançadas na entrada da província de Minas Gerais entre 1856 e 1860, mais de 80% eram de propriedade de residentes do Centro, região que incluía a fronteira cafeeira.

A compilação de um índice de preços de muares também reforça a hipótese de que a demanda mineira por animais de carga origina-se principalmente da região cafeeira. São as localidades desta fronteira agrícola que apresentaram os maiores índices de preços, indicando sua posição como demandantes de muares. Ademais, as flutuações da demanda mineira acompanham de perto as flutuações do mercado de Sorocaba, que reflete a demanda por animais de carga oriunda da economia cafeeira de São Paulo.

Por meio da documentação da barreira de Itapetininga, pudemos ainda verificar que uma parcela substancial das tropas ingressas em São Paulo durante as décadas de 1850 e 1860 dirigia-se a localidades do oeste paulista. Ora, são precisamente as recebedorias mineiras localizadas na fronteira com o oeste paulista aquelas que registram o maior volume de entrada de bestas novas – mais de 90% do total registrado em toda a província. Esta evidência pode apontar para a existência de um subsistema de fornecimento de animais organizado nesta região.

Durante a década de 1870, a participação mineira no mercado de muares cresce substancialmente devido à chegada das ferrovias em São Paulo, que passam a realizar grande parte do transporte de cargas. Entretanto, o mesmo processo em breve atingiria também a província de Minas Gerais, onde as bestas passariam a ser utilizadas apenas em trajetos curtos e locais de difícil acesso.